

Sentidos

Tolentino Mendonça eleito consultor para a Cultura

PAULA HENRIQUES
phenriques@dnnoticias.pt

José Tolentino de Mendonça foi nomeado consultor do Conselho Pontifício para a Cultura (CPC). O padre madeirense, director do Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura (SNPC), foi um dos dez representantes do mundo das artes, ciências e letras seleccionados pelo papa Bento XVI para reforçar o diálogo entre a Igreja e a sociedade, divulgou a agência noticiosa Ecclésia, citando o SNPC.

Tolentino Mendonça foi proposto pelo cardeal italiano D. Gianfranco Ravasi, presidente do Conselho Pontifício da Cultura, organismo do Vaticano, para integrar o CPC. Neste grupo estão também o arquitecto espanhol Santiago Calatrava, o cientista alemão Wolf Joachim Singer, o professor de filosofia Francesc Roselló, o professor de astrofísica e director do Centro de Ciências e Actividades Espaciais na Universidade de Pádua Piero Benvenuti, Bruno Coppi, docente de Física no Massachusetts Institute of Technology-MIT, a curadora da Coleção de Arte Contemporânea dos Museus do Vaticano Micol Forti e ainda a jornalista belga Marguerite Peeters.

O CPC foi criado com o objectivo de favorecer “as relações entre a Santa Sé e o mundo da cultura, promovendo de modo particular o diálogo com as várias culturas”, a fim de que “os cultores das ciências, das letras e das artes se sintam reconhecidos pela Igreja como pessoas ao serviço da verdade, do bem e do belo”.



José Tolentino Mendonça colaborou até há pouco tempo com a revista do DIÁRIO, a MAIS. FOTO AS PRESS

Doutorado em Teologia Bíblica, poeta e sacerdote, Tolentino Mendonça é o segundo português convidado para este dicastério, um género de ministério da Igreja Católica, no prazo de um mês.

José Tolentino de Mendonça nasceu em 1965 em Machico, tendo iniciado os estudos em Teologia em 1982. Oito anos depois era ordenado sacerdote. Não tardou, partiu para Roma onde frequentou o mestrado em Ciências Bíblicas e se doutorou em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade

O MADEIRENSE FOI ESCOLHIDO PELO VATICANO PARA APROXIMAR A IGREJA À SOCIEDADE

Gregoriana. Como poeta, Tolentino Mendonça tem já várias obras, entre elas o livro de poesia ‘A Noite abre os meus olhos’. Escreveu uma peça de teatro, dois ensaios sobre Teologia e ainda diversos artigos em revistas científicas. Publicou ensaios sobre Ruy Belo, Teixeira de Pascoas e Eugénio de Andrade. ‘O Outro Que Me Torna Justo’ e ‘Métodos de Leitura da Bíblia’ são duas reflexões da sua autoria. Foi também o autor da tradução do hebraico de ‘Cântico dos Cânticos’ e o ‘Livro de Ruth’.

Opinião

Subsídios



O Teatro Experimental da Camacha está hoje em cena no Auditório da Casa do Povo da Camacha com a sua versão mais moderna da história ‘O Rouxinol’, de Hans Cristian Andersen. A encenação é de Zé Ferreira. Para ver às 17 horas.



Nuno Morna
Actor

Que fique bem claro que não tenho nada contra o subsídio governamental. Até o acho necessário desde que na medida justa. Sou visceralmente contra a

subsídio-dependência e o inanimismo que isso provoca. E acreditem que já ouvi cada coisa e assisti a cada uma que só visto. É que esta dependência é como uma droga que inibe a criatividade de uma série de instituições que estão sempre mais preocupadas em saber as datas do pagamento do dito subsídio do que em criar e proporcionar cultura.

Por outro lado, muitas vezes, os subsídios governamentais separam os artistas dos públicos. Bons projectos são substituídos por verdadeiras aberrações quando o dinheiro esperado não chega ou vem pela metade. Isto acontece

porque se parte do pressuposto do subsídio em vez de se fazer o inverso que é partir do nada. Ao montar um projecto é sempre preferível partir da seguinte premissa: não tenho nada! A partir daqui o que é que posso fazer? Tudo o que a seguir vier, o que se conseguir reunir, seja dinheiro sejam bens, servirá sempre para engrandecer o projecto. Sem dúvida que quanto maior for a distância dos promotores em relação ao subsídio governamental, maior é a liberdade criativa. Não que considere, de uma maneira geral, que as entidades oficiais exerçam pressão sobre o processo

criativo, mas a autocritica e autocensura dos criadores ficam mais “apuradas”. Ninguém gosta de morder a mão que lhe dá de comer! Daí ser sempre preferível recorrer a entidades privadas, o que entre nós é muito difícil uma vez que o nosso tecido empresarial, na sua maioria, não entende a responsabilidade e papel social que as empresas devem ter. A libertação da subsídio-dependência passa também pela formação dos nossos empresários e por uma lei do mecenato regional eficaz e aliciante para as empresas.